



COM GOSTO E MEDIDA

Politizar um país, um povo, é esclarecê-lo através da responsabilização social no trabalho e na prática cívica. Mas é também acção teorizadora, informação — e nesse capítulo, a par do ensino e da dinamização cultural, dos **media** partidários e do espectáculo, a Rádio e a Televisão desempenham um papel fundamental. Isto sabe-se, consta da história das revoluções. Está sobretudo no exemplo cubano com resultados indesmentíveis.

Mas toda a mentalização, toda a comunicação, tem as suas técnicas. Há que explorá-las, recorrendo ao vasto material da sociologia aplicada e das campanhas publicitárias para, no sentido justo, se produzir impacto e obter rendimento. Porque não basta dizer a verdade: é necessário saber dizê-la: sobretudo, saber fazê-la ouvir.

A monotonia dos nossos programas radiotelevisivos vem do menosprezo desse princípio de bom-senso.

À falta de imaginação criativa envereda-se pela fácil repetição da verdade, e a verdade, assim, torna-se burocrática, destituída de conteúdo dinâmico. Em vez do argumento vivo opta-se pela palavra de ordem, pelo **slogan**, por soluções repetitivas, e a breve trecho em vez de atrair, repele-se.

Na Rádio, principalmente, o ponto de saturação está à vista. As mesmas vozes comerciais, comprometidas no passado com o detergente e o elogio das instituições, massacram o ouvinte de memória atenta com reivindicações e frases feitas (agora, de sinal contrário). Canções de péssima qualidade e de demagogia gritante preenchem os reduzidos espaços musicais da programação. Às mesmas horas e nos diferentes postos emissores, as mesmas entrevistas, as mesmas intervenções, o mesmo estilo de comunicação, sem cuidar que do doseamento hábil da mensagem depende a sua receptividade. Será assim tão pobre a nossa Revolução!

Entre o massacre do **brain washing** (alienação) e a consciencialização das massas vai todo um mundo de conceitos que se opõem.

Mas não será pela avidez da expressão nem pelo princípio da insistência que a realidade política pode ser comunicada e discutida. É que começámos a nossa Revolução em alegria e queremos prossegui-la com trabalho vivo e com todas as horas possíveis, de prazer e de sacrifício, que alimentam a coragem e lhe dão realidade.